Centro
de Referência
Paulo Freire

Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire

acervo.paulofreire.org

InstitutoPauloFreire

Neuza defende modernas técnicas pedagógicas

E diz que os métodos empregados são amostras do "socialismo"

Na bibliografia, são citadas obras de Paulo Freire e outras técnico-pedagógicas e de literatura. Mas, a idealizadora do projeto "Nenhum Adulto Analfabeto", professora Neuza Canabarro, afirma que nenhuma delas foi usada especificamente como modelo, mas apenas como bagagem pedagógica e cultural, eventualmente usada como subsídio no trabalho. Esclarece também que o método que está sendo implantado agora nada tem a ver com antigo Mobral, que até se tornou sinônimo ainda mais pejorativo, de ignorante.

Um dos pontos que a titular da SMEC faz questão de ressaltar é a grande receptividade que este plano de alfabetização está recebendo junto à comunidade. Como professores voluntários, apresentaram-se donas-de-casa, estudantes, trabalhadores e muitos profissionais liberais, professores universitários, médicos e engenheiros, no que ela define como uma admirável demonstração de solidariedade. Destaca que monitores e alunos só terão a lucrar com este intercâmbio de experiências e conhecimentos, "autêntica amostra de socialismo moreno".

A apresentação do manual do monitor inicia com uma poesia de Thiago de Melo, "Fonemas da Alegria", que parece feita de propósito para o projeto da SMEC, e que diz no seu final: "Peço licença para terminar soletrando a canção de repetida que existe nos fonemas da alegria: canções de amor geral/que eu vi crescer/nos olhos do homem que aprendeu a ler".

Marcos Fernandes/ZH

Neuza Canabarro: entusiasmo com o projeto que criou

O mais velho cadastrado tem 72 anos

O projeto «Nenhum Adulto Analfabeto», explica a secretária Neuza Canabarro, é completamente inovador, adequado à nossa realidade e individualizado. Mas, é um sistema que exige também abertura de cabeça. Temos que ter um leque de possibilidades e estarmos preparados até para o imprevisível. Planejar é também ser flexível às modificações e admitir a possibilidade de acrescentar e suprimir algo. Mas, a experiência nos aponta este caminho não só como a melhor, mas como a única opção.

Logo que foi iniciada a divulgação dos objetivos da execução deste sistema de alfabetização, a resposta foi imediata, mas só em termos de monitores. No primeiro momento, houve uma avalanche deles, revela a titular da SMEC. Mas os analfabetos não compareceram na proporção esperada. «Fizemos uma reavaliação logo em seguida e chegamos à conclusão que o analfabeto tem a maior vergonha de ser rotulado como tal. Muitos deles chegavam na sala do recadastramento e ficavam por aí, dando voltinhas, até a sala ficar praticamente vazia. Só então se achegavam ao funcionário para se inscrever no programa».

Muitos dos entre os quase 10 mil analfabetos até agora cadastrados «são pessoas que até venceram na vida. Têm negócios, ganham bem, família estruturada, com filhos formados na universidade como médicos, engenheiros. Um destes, um senhor de idade, antes de dar seu nome, quis se certificar se seu caso seria mantido em sigilo e, depois, revelou que desejava aprender a ler, inclusive para verificar se era tudo verdade o que a mulher dele lera para ele durante mais de 35 anos de casados. Há registro de casos absurdos, também, como o de uma mulher que quer aprender a ler e escrever, mas sua enteada não quer que ela se alfabetize. E outros comoventes, como de uma médica, que chorou ao se dar conta (com a divulgação das intenções do projeto) que sua mãe era analfabeta e até então considerava aquilo como normal. Agora ela será a monitora e garante que vai alfabetizar sua mãe antes do prazo de oito meses». Não faltaram também percalços e até desafetos de pessoas que se apresentaram pensando que o trabalho de monitor seria remunerado. O mais velho dos analfabetos cadastrados tem 72 anos e o mais jovem 17.

Os empresas cedem locais para as aulas

Quando a inspetora de ensino e diretora cassada por causa da greve do magistério de 82, Neuza Canabarro, assumiu a SMEC, em maio, em substituição a vereadora Teresinha Irigaray, trouxe em sua bagagem o projeto "Nenhum Adulto Analfabeto" praticamente pronto, inclusive com um completo mapeamento. Com uma equipe técnico-pedagógica formada por Aldo Rosa Carvalho, Ana Lia Ibagoyen, Igor Moreira Jorge Hirt Preiss, e coordenação administrativa de Elaine Barcelos Pinto, foram feitas as adaptações necessárias, e elaboração do material específico em três meses.

A idéia original, segundo a idealizadora do ssistema, seria a de aproveitar salas de aula, onde seriam colocados 10 ou 20 alunos e monitores, lado a lado. Mas, na montagem do processo a equipe teve uma visão diferente, por constatar o grande índice de empregadas domésticas analfabetas. Então foi veiculado um apelo através da Imprensa, com boa receptividade, para que as patroas se encarregassem da tarefa de ensinar suas empregadas. Muitas empresas também já propuseram a ceder locais para alfabetização, o mesmo acontecendo em obras de construção e até em órgãos públicos como no DMLU.

O papel da SMEC, em tudo isso, se restrringe, quase sem custos, à montagem do projeto, com o engajamento de monitores, que podem serr toda e qualquer pessoa alfabetizada que se disPonha a alfabetizar outra. E a titular da SMEC defende esta tese por saber que nossos antePassados eram Alfabetizados pelos PaiS e parentes. No sistema idealizado, a relação afetiva monitor-aluno, será fator muito importante. É este motivo, justifica a insistência de um por um, embora pessas estejam se oferecendo para trabalhar com vários alunos alternadamente. Com este objetivo está sendo desenvolvido um esforço para conscientizar a comunidade para que ela participe efetivamente na eliminação de um grande problema social, que è o analfabetismo.

" Nesta cruzada, todos nós vamos ter uma participação, contribuindo para diminuir o analfabetismo, numa experiência que servirá para nos humanizarmos um pouco mais, dando algo de inestimável ao próximo ", afirma a professora Neuza Canabarro. Disse que o seu projeto foi esquematizado com muita segurança. Foi totalmente revisado em maio e junho, sendo os dois meses seguintes dedicados ao cadastramento, e setembro "dedicado ao casamento aluno-monitor".

O MEC já pensa em adotar a iniciativa

Antes mesmo do início de sua implantação, o programa desperta a atenção das autoridades federais do setor educacional. Três técnicos do MEC checaram o projeto e apresentaram proposta de patrocínio, desde que pudesse ser aproveitado no sistema Educar (ex-Mobral). Contra a opinião de alguns de seus assessores, Neuza Canabarro até concorda com esta possibilidade. "Veja bem. Por enquanto, ele abrange só Porto Alegre. Seria para mim até uma grande realização profissional que seja aproveitado em todas as cidades do Brasil. E quem tem condições de fazer isso? É o MEC. Se o Mobral, e agora o Educar, não deram resultado, é porque usavam uma metodologia inadequada," disse ela. Esclareceu que o MEC se propõe a acompanhar a experiência e patrocinã-la a nível nacional, se for sucesso, o que tudo indica que deverá acontecer.

O importante, para a autora do projeto, é que toda a metodologia foi criada aqui. Lembrou que ela mesma foi alfabetizada em cartilhas que só falavam em Pindamonhangaba, jaca, caju, "tudo coisas que não se conhecia. Tem é que se falar de bergamota, pitanga, coisas nossas, com as quais todos estão familiarizados. Foi em função disso que foram escolhidas as palavras-chave dos módulos, todas elas presentes na vivência do dia a dia, num projeto adequado às nossas realidades. E, assim como foi adequado para nós", esclarece, "se fosse aplicado no Nordeste seguramente deveria passar por um processo de adaptação de palavras-chave e alguns pequenos detalhes, porque, no conjunto, as noções gramaticais e de aritmética são comuns a todos os brasileiros.

O método todo é muito simples. O monitor, por exemplo, não precisa preparar nada. Lê a apresentação do seu manual, e mais quatro ou cinco folhas da primeira lição. Depois, é só ir acompanhando módulo por módulo. Para os alunos, foram confeccionados 32 módulos separados, porque eles substituirão até os cadernos. Tem lugar para escrever e fazer contas. Com este sistema, ele comprova que progrediu, completa o primeiro com sílabas desenhadas, trêmulas. Depois, pega outro, capricha mais e assim por diante. A expectativa é que, de um total de quase 10 mil analfabetos cadastrados até a última sexta-feira, 70% deles estejam alfabetizados no prazo de oito meses. No ensino convencional, com crianças, não se conseguiria nem um terço disto, no mesmo período.

Paulo Freire: novo processo de educação

Ao ser criado em 1967, o Mobral retomaria um programa de massa para erradicar o analfabetismo já adotado no Estado Novo, em total discordância com a qualidade preconizada pelos profissionais da educação. Com o fim do governo Getúlio Vargas, o País retoma os programas de educação popular, culminando na década de 60 com a participação da Igreja (CNBB), União Nacional dos Estudantes (UNE) e o método de alfabetização do educador Paulo Freire, que seduziu o governo populista de João Goulart. Freire apregoaVa a adequação do processo educativo ao meio e se propunha a alfabetizar em apenas 40 horas.

O movimento de 1964 acabaria prematuramente com todos os programas de educação popular, inclusive o Plano Nacional de Alfabetização, que envolvia, além do Governo, estudantes e sindicatos, e tinha a proposta de alfabetizar 5 milhões de pessoas em dois anos.

O método Paulo Freire foi aplicado com sucesso na América do Sul, Estados Unidos e África. Aqui no Brasil, resultou em seu exílio. O método de alfabetização e sua cartilha foram considerados, pela ditadura, como sendo instrumentos de subversão e de indução à revolta popular, quando Freire defendia, como um dos princípios básicos, a inexistência de cartilhas. Saiu do Brasil em 1964 e deixou a fama de ter criado um programa capaz de alfabetizar trezentos camponeses nordestinos por mês.

O método, parte do conhecimento do meio em que se vai desenvolver a experiência de educação — o programa utilizado no Sul do País não pode ser o mesmo aplicado no Nordeste, por exemplo. Toma-se em consideração o universo vocabular do grupo em questão, as palavras que são utilizadas todos os dias e que exprimem a vida cotidiana daquelas populações. Desse universo vocabular são escolhidas as palavras geradoras — "tijolo", para os operários da construção civil, e assim sucessivamente. Essas palavras encerram em si os temas de discussão que deverão corresponder aos interesses dos alfabetizados, e assim, constituir o primeiro passo, por meio da discussão em grupo, em direção a uma tomada de consciência individual e coletiva dos problemas discutidos. Esse aspecto puramente mecânico poderá ser utilizado por qualquer pessoa: tirar uma palavra geradora de um universo vocabular também pode ser feito por alguém que pretenda mistificar a realidade e à sua consciência. O conhecimento de uma realidade, que vai sendo construído, pouco a pouco, a partir da experiência dos alfabetizados, está intimamente ligado à consciência crescente da capacidade de mudá-la. Conhecer para transformar, é este o objetivo.

O que ficou conhecido como "Método de Alfabetização Paulo Freire" não é algo que se possa reduzir a um aprendizado meramente lingüístico. Trata-se de aprender a ler a realidade, conhecê-la, para em seguida poder reescrever esta realidade, transformá-la.

Pelo Método Paulo Freire, a palavra contribui para que o homem se perceba a si mesmo, a linguagem, passa a ser um mecanismo de cultura. Educador e educando são sujeitos no processo: o primeiro aprende com a aprendizagem do segundo e este descobre o seu universo sob a orientação daquele, sem qualquer ação paternalista. **(Hamilton Carvalho/Pesquisa ZH)**

APEDIDO

TRABALHADORES DA BRAHMA DENUNCIAM DISCRIMINAÇÃO DE TRATAMENTO

Trabalhadores da Cervejaria Brahma denunciam a política discriminatória usada pela empresa concedendo aumentos salariais para alguns empregados enquanto outros, justamente os de menor ganho, nada receberam.

Este tipo de tratamento desigual está gerando grande descontentamento no seio da classe.

Justo seria que os aumentos concedidos fossem para todos, todos merecem, pois foi juntos que alcançaram o record de produção. Nada justifica o tratamento desigual.

Com este procedimento, a empresa revogou seu próprio slogan:

"Família Brahma"

Sindicato dos Trab. nas Indústrias
da Alimentação de Porto Alegre.
A DIRETORIA